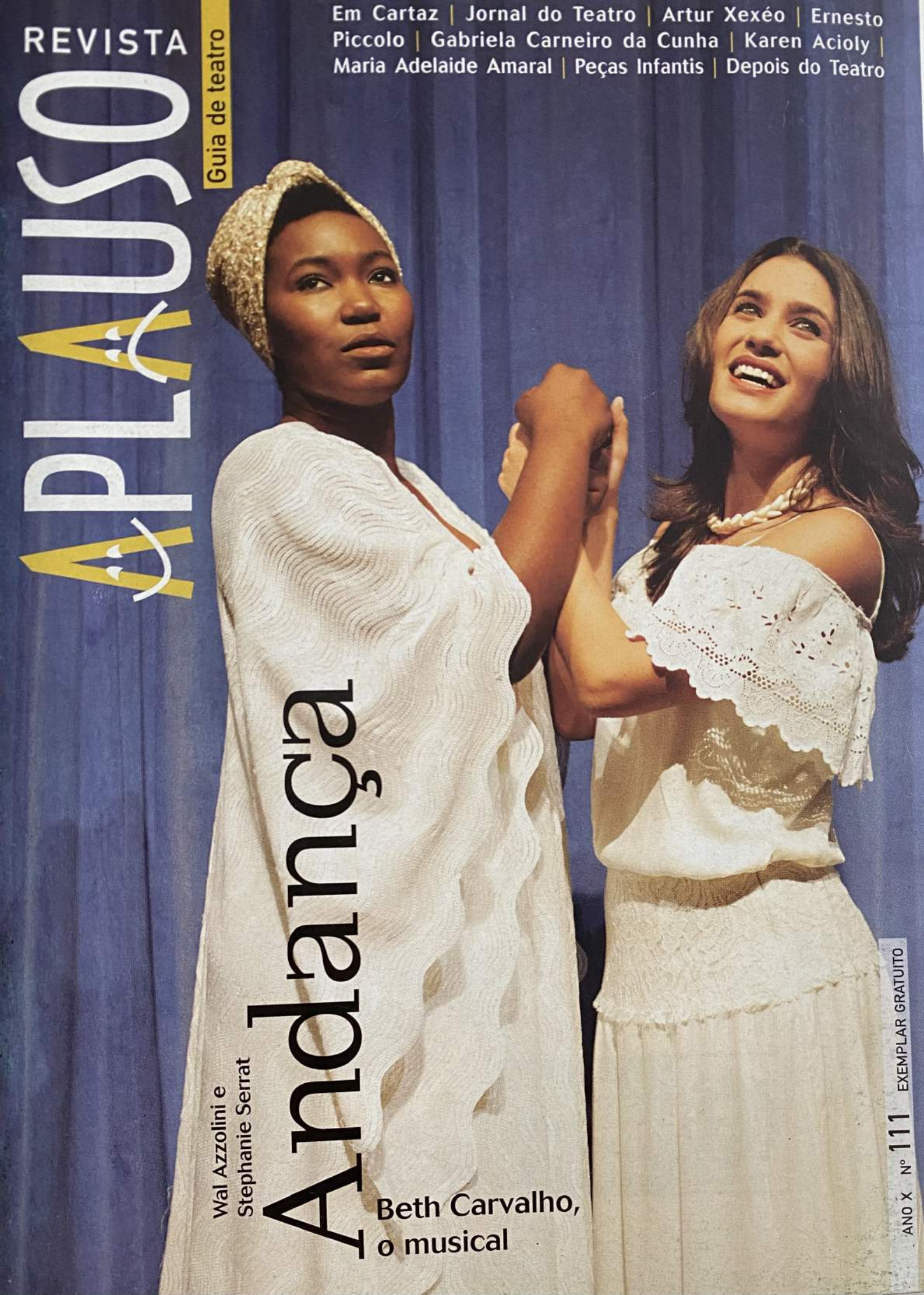
REVISTA

APLAUSO

Guia de teatro

Em Cartaz | Jornal do Teatro | Artur Xexéo | Ernesto Piccolo | Gabriela Carneiro da Cunha | Karen Acioly | Maria Adelaide Amaral | Peças Infantis | Depois do Teatro



Andança

Wal Azzolini e Stephanie Serrat

Beth Carvalho, o musical

ANO X Nº 111 EXEMPLAR GRATUITO

A Secretaria de Estado de Cultura vem trabalhando desde 2008 para difundir, estimular e fortalecer a cultura do Rio de Janeiro, criando mecanismos de fomento e políticas para o setor, em todas suas vertentes, buscando contemplar todos, desde as manifestações mais tradicionais até aquelas experimentais no campo da arte e cultura.

Entre os projetos patrocinados pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura do Rio de Janeiro está a revista Aplauso, um fórum importante para o debate e a divulgação do teatro em nosso estado.

Através de patrocínios como esse, a Secretaria de Estado de Cultura promove a criação artística e a integração cultural.

Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro.

GOVERNO DO Rio de Janeiro

SECRETARIA DE CULTURA

LEI ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA

Memórias

"Quando passo na Rua Visconde de Pirajá, na região em frente à Praça General Osório, não consigo identificar onde ficava a sala. Mas eu me lembro muito bem que era ali que estava localizado o Teatro Santa Rosa. Não dá para esquecer. Foi no Santa Rosa que assisti a *Fala Baixo, Senão eu Grito*. E a primeira vez que se vê Marília Pêra, a gente nunca esquece.

Uma sala de teatro guarda para sempre as emoções, as gargalhadas, as lágrimas que marcaram sua trajetória. O Santa Rosa deve ter virado uma loja qualquer. E o que aconteceu com todos os sentimentos que o habitaram um dia? As memórias de um palco e de uma plateia não se adaptam a lojas de eletrodomésticos ou a quitandas. Onde foram parar as emoções criadas no Santa Rosa?

O Rio é uma cidade de teatros fechados, demolidos, abandonados. É triste passar na Travessa Cristiano Lacorte, em Copacabana, e ver onde funcionava o simpático Teatro Miguel Lemos. Foi ali que me emocionei vendo Maria Bethânia em *Comigo me Desavim*. O impacto de se ver Bethânia ao vivo, pela primeira vez, também é inesquecível. Como recuperá-lo se o teatro não existe mais?

Teatro Glória, Teatro Copacabana, Teatro Mesbla, Teatro da Praia... e o Villa Lobos cuja reforma não acaba nunca? Outro dia, tive que ir à TV E e tentei identificar, entre os estúdios da emissora, onde ficavam o palco e a plateia do Teatro República. Não consegui. E a alegria de ter visto *Hair* naquele espaço? Não se recupera mais?

Uma cidade que abandona seus teatros abandona sua História. O Rio vem sistematicamente deixando seus teatros de lado. No momento em que a cidade celebra seus 450 anos, não custa nada tentar salvar o que ainda pode ser salvo."

Artur Xexéo, jornalista

FOTO: DIVULGAÇÃO

Sangue novo

O CCBB abriu as inscrições para a 7ª edição do concurso nacional de dramaturgia Seleção Brasil em Cena, que incentiva a formação de novos dramaturgos. As inscrições podem ser feitas no site: www.selecaobrasilemcena.com.br. Estudantes de teatro farão leituras dramatizadas dos textos finalistas.

Na Cinelândia

O musical *SamBra*, de Gustavo Gasparini, vencedor do prêmio APTR de 2015, voltará ao Rio em 2016, depois de turnê pelo país. A expectativa é de que possa ser encenado no antigo Cine Palácio, na Cinelândia, que passará a receber peças de teatro. *SamBra* marcou a estreia do cantor Diogo Nogueira nos palcos.

Intercâmbio

Acontece no Rio, de 24 de setembro a 4 de outubro, a 13ª edição do FIL - Festival Internacional Intercâmbio de Linguagens, com 20 espetáculos de diversos países, em nove teatros da cidade. A abertura será no Espaço Tom Jobim, com o francês *Bounce*! A programação está no site: www.fil.art.br.

Para todos

O espetáculo *Ataulfo Alves – O Bom Crioulo* está em temporada popular, até o final de setembro, no teatro Dulcina, com ingressos a R$ 20. A direção é de Luiz Antonio Pilar, com direção musical de Alexandre Elias. Wladimir Pinheiro interpreta Ataulfo, filho do violeiro Capitão Severino, repentista da Zona da Mata.

www.aplauso.art.br

Aplauso é uma publicação mensal da Editora Sociedade Cultural Itaipava. Redação, administração, publicidade e correspondência: Rua General Luís Mendes de Morais, 50, Santo Cristo. Telefone: (21) 98283-0000. E-mail: comunicacao@aplauso.art.br. Diretora executiva: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Ester Lima (reportagens), Sandra Fernandes, Claudia Esquerdo, Marcelo Garcia, Walkyria Garotti (projeto gráfico e edição de arte). Edição e jornalista responsável: Catarina Arimatéia - Mtb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Impressão: 3.000 exemplares. Impressão: Grafitto. Capa: Fernanda Sabença/Divulgação.

Patrocinadores

Light

Governo do Rio de Janeiro

Secretaria de Cultura

Lei Estadual de Incentivo à Cultura

Realização

Galpão Aplauso

Criações vivas

Neste exato momento, este que estamos tratando de viver agora, "uma memória" está sendo criada. Entre tantas e tantas outras que virão depois dessa, algumas – as que nos tocaram mais profundamente – ficarão para sempre, outras se perderão pelo caminho e há aquelas que se transformarão em novas criações, em "novas memórias inventadas". As memórias são criações vivas que pulsam sem tempo finito. O FIL – Festival Internacional Intercâmbio de Linguagens resolve eleger o tempo presente, em aliança com os outros tempos, como tão bem fazem as crianças, num bordado de imaginários, para que os muitos mundos se cruzem num mesmo campo de criação de novas memórias; lírico e popular, onírico e real, tradicional e *up to date*, nacional e estrangeiro, aberto a todos e visionário ao que há de vir, o FIL, esse púbere de 13 anos, abre o peito, arregaça as mangas, penetra suave nos conscientes e inconscientes. Totalmente amalgamado! Parcerias construídas ao longo do tempo com artistas insubstituíveis vindos de vários cantos do Brasil, Alemanha, França, Canadá, Bélgica, Dinamarca, para criar poéticas memórias, para inventar outras novas... unindo os tempos, espaços, culturas e públicos! Bem-vindos ao FIL 2015, 13ª edição!

FOTO: DIVULGAÇÃO

Karen Acioly | Setembro | 2015

Andança

Musical conta a história de Beth Carvalho, a madrinha do samba

por Ester Lima

FOTOS: FERNANDA SABENÇA/DIVULGAÇÃO

Antes de tudo, *Andança – Beth Carvalho, O Musical*, em cartaz no Teatro Maison de France, é uma aula sobre música popular brasileira. E um pós-doutorado em alegria de cantar, além de ter belos arranjos e um samba de primeira, interpretado por jovens artistas-músicos competentes, que faz o espectador sair do teatro feliz por saber que o Rio conta com uma nova geração pronta para brilhar no mundo do samba.

Três atrizes dão vida a Beth Carvalho. Na infância, Jamilly Mariano, de oito anos. Dos 17 aos 40 anos, Stephanie Serrat. A partir daí, Eduarda Fadini. Todas selecionadas entre mais de mil vídeos e três dias de audiências. No palco, 23 atores, também escolhidos em testes, se dividem entre os personagens que marcaram a vida da cantora. Destaque para Wal Azzolini, atriz do Galpão Aplauso, que encarna Clementina de Jesus, Jorge Aragão e Dona Zica, mulher de Cartola, além de integrar o coro que canta 59 músicas do repertório brasileiro.

O texto de Rômulo Rodrigues retrata a vida da cantora e compositora desde a sua infância, mostrando a influência musical que recebeu dos pais e da irmã mais velha – Silvio Caldas era presença constante em sua casa –, fazendo-a trocar pelo violão a paixão que tinha pelo balé, quando começou a ouvir João Gilberto e a bossa nova de sucesso internacional.

Rômulo mostra os tempos de César de Alencar na Rádio Nacional; os programas de Nora Ney, Emilinha Borba e Marlene, entre outras; os momentos marcantes dos festivais do final dos anos 1960; o programa Flávio Cavalcanti, que alavancou a carreira de Beth; o encantamento com Maria Bethânia cantando *Carcará* no Teatro Opinião. A gravação com Quincy Jones, a redescoberta de Cartola e Nelson Cavaquinho, a paixão pelo Cacique de Ramos e, finalmente, a parceria com Zeca Pagodinho também estão presentes, e comprovam que, não por acaso, Beth Carvalho é chamada de "madrinha do samba".

Emoção à flor da pele

O momento político conturbado, o engajamento da família na luta contra a ditadura, a luta pelas Diretas Já e a influência política na sociedade e na música brasileira são pontos importantes da história. Ao mesmo tempo em que Rômulo mostra os dramas da vida de Beth – como a morte do pai e da mãe e as decepções profissionais e amorosas –, faz a plateia delirar com uma fã, Isaura, brilhantemente interpretada por Ana Berttines, que passa o tempo falando ao telefone com a amiga Jurema

sobre as maravilhas da nova cantora que começa a aparecer, Beth Carvalho. Depois de muitos anos, ela consegue conversar pessoalmente com seu ídolo, numa cena que transborda emoção e alegria.

As duas cirurgias na coluna, que lhe renderam quase um ano e meio de internação no hospital e depois uma cadeira de rodas, são retratadas de maneira leve. No hospital, ela organiza rodas de samba que levam à loucura a mal humorada enfermeira-chefe, que afinal acaba se rendendo ao samba.

Talento jovem

A primorosa direção musical de Rildo Hora, também representado no palco –foi ele quem levou Beth Carvalho até Cartola – e a preparação vocal de Pedro Lima dão o tom de qualidade às atuações dos jovens músicos.

Para Ernesto Piccolo, o diretor, trabalhar nesta peça foi emoção do começo ao fim. Ele se derrete em lágrimas em todos os ensaios. "A primeira emoção foi ter sido convidado para dirigir, pelo Rômulo e pela Ana Berttines. Os dois foram meus alunos e do Rogerio Blat na Oficina de Criação que fizemos há 20 anos na Fundação Calouste Gulbenkian, sob a direção da Teresa Miranda. O processo foi todo muito prazeroso", diz ele, revelando um carinho especial por Wal Azzolini, com quem trabalhou há dois anos no Galpão Aplauso, na montagem de uma peça sobre Chico Buarque. "A Wal é uma coisa linda, e a peça é uma homenagem a muitos personagens de nossa vida. É uma verdadeira caixinha de música", diz.

Picollo dividiu a peça em dois atos – o primeiro vai da infância até o terceiro lugar de *Andança*, no Festival Internacional da Canção, em 1969. O segundo começa com uma interpretação, com todo o elenco, de *Viola Enluarada*, de Marcos e Paulo Sergio Valle, e acaba com as três "Beths" juntas cantando *Andança*. Uma emoção só.

A origem

A vontade de escrever sobre Beth Carvalho começou quando Rômulo Rodrigues produziu uma exposição na Academia Brasileira de Letras sobre João do Vale, em que apareciam todas as grandes cantoras brasileiras já mortas. Nesse momento, o mundo dos vivos também falou alto. Ele, então, pensou: por que não fazer um trabalho sobre Beth Carvalho? Fez o projeto e começou a captação. Isso foi em 2012. Desde então, Rômulo e Beth passaram a ter contato direto. "Tentei ver, dentre todas as histórias que ela me contou, o que era mais teatral. Por exemplo, foi quando ela assistiu a Clementina de Jesus que decidiu mesmo virar cantora". O processo só acabou em 2015, quando ela completa 50 anos de carreira. "Um artista pode ter duas realizações na vida. Uma delas já tive, que foi ser enredo de escola de samba. E, melhor, venci na Avenida. A outra é ter um musical com sua biografia, que estou ganhando agora", diz Beth, que acompanhou todo o processo e viu um ensaio geral junto com a família, apresentado no *playground* do edifício onde mora.

As meninas

O retrato político de um mundo em transformação

Eram os anos 1970, tempos de censura e de silêncio. Lygia Fagundes Telles rompe essas barreiras e leva para um romance o painel sócio-político que estava observando naquele momento. Através da história de três jovens universitárias em um pensionato de freiras em São Paulo, dos encontros e desencontros de Lorena (Clarissa Rockenbach), Lia (Silvia Lourenço) e Ana Clara (Luciana Brites), *As Meninas* mostra um retrato político do Brasil e do mundo em transformação. O livro se tornou um dos grandes clássicos da literatura brasileira.

Adaptado para o teatro por Maria Adelaide Amaral e com direção de Yara de Moraes, a peça estreou em São Paulo em 2009, ficando um ano em cartaz. Agora, chega pela primeira vez ao Rio, no teatro Poeira. Foi a própria Lygia Fagundes Telles quem indicou Maria Adelaide para a adaptação – e Maria Adelaide indicou Yara para a direção. Portanto, tudo está em sintonia e perfeitamente integrado ao texto original, com as bênçãos da autora.

Adaptação fiel

Maria Adelaide conta que conversou muito com Lygia antes de escrever o texto, enviando-o posteriormente para a apreciação da escritora. "O romance é extremamente teatral e os diálogos são muito vivos, alguns deles foram transpostos integralmente. Fui muito fiel ao livro, porque ele se prestava para o tempo de uma peça de teatro. Tudo o que era necessário numa obra de teatro estava lá. O que fiz foi destacar os fatos mais reveladores e dramáticos da história e dos personagens", conta Maria Adelaide.

Lorena é uma burguesa bonita e inteligente. Depois da morte do irmão, resolve se afastar da família e vai morar em um pensionato para estudar. Tem uma educação exemplar e é muito generosa. Já Lia é idealista, militante política e se prepara para virar guerrilheira. Tem um namorado que está preso e sonha encontrá-lo novamente. Luta para caracterizar a situação política da época. Ana Clara, por sua vez, está mergulhada nas drogas.

As três personagens se misturam e dão voz ao romance por meio de olhares diferentes, que refletem aquele momento conturbado do País. A mãe de Lorena (Clarisse Abujamra); o amante de Ana Clara, Max (Daniel Alvim); Guga (Daniel Alvim), colega de Lorena e militante do movimento Paz e Amor; e a freira Priscila (Sandra Pêra), revoltada com a revolução dos costumes, também estão em cena.

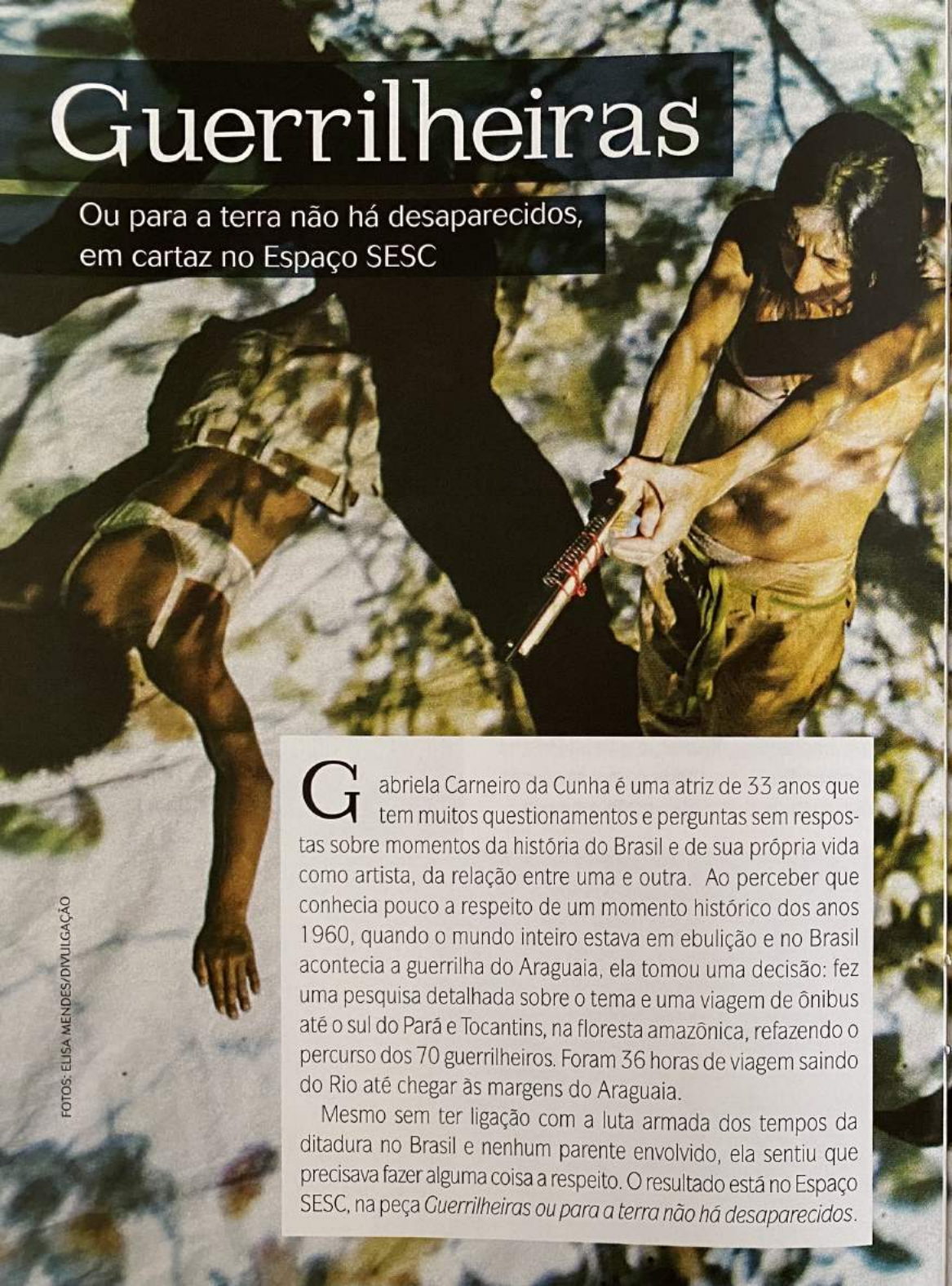
Das páginas ao palco

A peça começou a ser escrita em 2007, quando Clarissa Rockenbach e Fernando Padilha fizeram um trabalho universitário baseado no romance de Lygia Fagundes Telles. Pouco depois, já com a ideia de uma peça na cabeça, entraram em contato com a autora, que os incentivou a ir em frente. O resultado foi um espetáculo que conquistou público e plateia, e continua a ser encenado com o mesmo sucesso de anos atrás.

FOTOS: PRISCILA PRADE/DIVULGAÇÃO

Guerrilheiras

Ou para a terra não há desaparecidos, em cartaz no Espaço SESC



FOTOS: ELISA MENDES/DIVULGAÇÃO

Gabriela Carneiro da Cunha é uma atriz de 33 anos que tem muitos questionamentos e perguntas sem respostas sobre momentos da história do Brasil e de sua própria vida como artista, da relação entre uma e outra. Ao perceber que conhecia pouco a respeito de um momento histórico dos anos 1960, quando o mundo inteiro estava em ebulição e no Brasil acontecia a guerrilha do Araguaia, ela tomou uma decisão: fez uma pesquisa detalhada sobre o tema e uma viagem de ônibus até o sul do Pará e Tocantins, na floresta amazônica, refazendo o percurso dos 70 guerrilheiros. Foram 36 horas de viagem saindo do Rio até chegar às margens do Araguaia.

Mesmo sem ter ligação com a luta armada dos tempos da ditadura no Brasil e nenhum parente envolvido, ela sentiu que precisava fazer alguma coisa a respeito. O resultado está no Espaço SESC, na peça *Guerrilheiras ou para a terra não há desaparecidos*.

Pé na estrada

Segundo Gabriela, o espetáculo é um poema cênico em cima da história das 12 guerrilheiras que morreram no Araguaia – dos 70 guerrilheiros, 17 eram mulheres e, delas, 11 corpos ainda estão desaparecidos. "Não nos preocupamos em dar informações sobre o fato, já existe muito material escrito. Trabalhamos a poesia, a sensação, a emoção. O que foram essas mulheres na guerrilha, o que as motivou a ir para lá", conta.

No Araguaia, a equipe conversou com camponeses que presenciaram a história para saber o relato deles, além de irem ao lugar dos conflitos. "Queríamos entender o que se tornou aquela região. Em termos naturais, é outro lugar. Naquela época era a selva amazônica, hoje é um grande pasto". Junto com Gabriela, foram: a diretora Georgette Fadel; a dramaturga Grace Passô; as atrizes Carolina Virguez, Daniela Carmona, Fernanda Haucke e Mafalda Pequenino; e o cineasta Eryk Rocha.

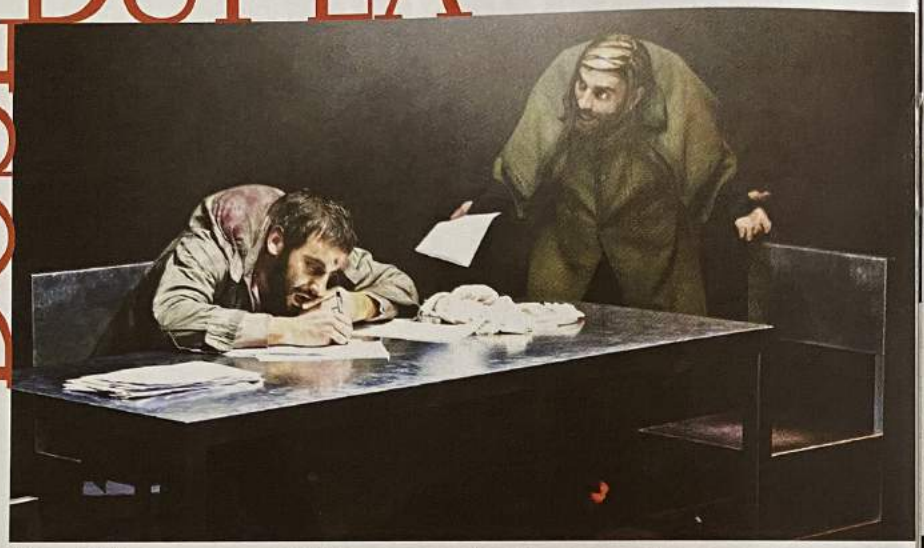
Durante os 15 dias de viagem, Eryk registrou todos os momentos, que agora fazem parte do cenário. Os registros audiovisuais, os rostos e as paisagens são projetados no chão do teatro de arena. Os sons captados do rio acompanham algumas cenas.

O cenário é simples – plásticos e lonas enormes que vão entrando na peça conforme as cenas acontecem. "A encenação partiu do princípio de corte, assim como várias lutas de esquerda foram cortadas logo no inicio, principalmente na América Latina", explica Gabriela. Os plásticos se tornam os solos sobre os quais a peça se desenvolve. No momento da morte de uma guerrilheira, por exemplo, todos os plásticos saem de cena.

Roupas enterradas

Os figurinos foram criados por Desirée Bastos, que garimpou calças, vestidos, chapéus e roupas íntimas em brechós do Rio e do sul do Pará. As peças foram enterradas às margens do rio Araguaia pelas próprias atrizes e, recentemente, desenterradas e lavadas. As peças deterioradas, diz Gabriela, fazem alusão aos corpos que nunca foram encontrados.

DOSE DUPLA



The Pillowman – O Homem do Travesseiro e In Extremis leva a estética do grotesco e do bufão ao Teatro Poeirinha

Por Ester Lima

The Pillowman – O Homem do Travesseiro

tem personagens bizarros, estética grotesca, muito humor e cenas tristes, nem sempre encadeadas com lógica. Mas é tudo isso, junto e misturado, que prende a atenção do público ao contar a história de um escritor torturado por dois policiais por causa do conteúdo de seus contos e da semelhança com assassinatos de crianças que acontecem na cidade.

Os personagens, caracterizados como monstros, apresentam transformações físicas impressionantes, o que lhes dá a liberdade de falar o que quiserem ou de brincar com a plateia, segundo o diretor Bruno Guida. "Como somos do submundo, podemos falar qualquer coisa, sem sermos preconceituosos. Se fossemos 'normais', seria diferente", diz ele.

O texto do irlandês Martin McDonagh, escrito em 2006, chega ao Rio pelas mãos do diretor paulista Bruno Guida, junto com Dagoberto Feliz e da Cia. Limítrofes (Bruno Autran, Daniel Infantini, Flavio Tolezani e Wandre Gouveia), e está sendo encenado no Teatro Poeirinha, onde fica até o final de outubro. Junto com *The Pillowman*, Bruno traz outro trabalho da Cia., *In Extremis*, em cartaz no mesmo teatro até meados de outubro, em dias alternados.

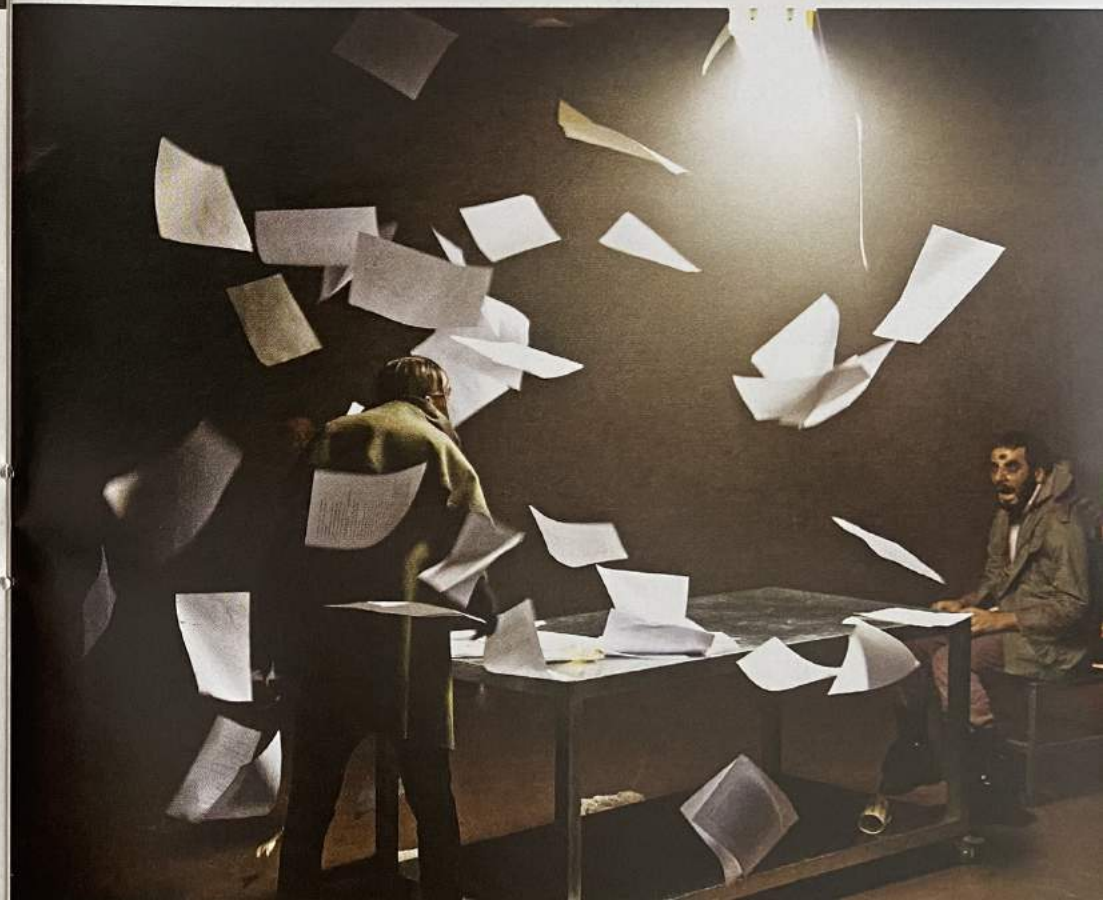
FOTOS: JOÃO CALDAS FILHO/DIVULGAÇÃO

Ritmo frenético

The Pillowman – O Homem Travesseiro se passa em um país com regime totalitário, onde um escritor está sendo investigado por dois policiais sem conhecer o motivo. Ele também não sabe que seu irmão, que tem problemas mentais, está preso na sala ao lado. Motivo: uma série de assassinatos de crianças aconteceu na cidade e os dois estão sendo acusados. O irmão confessa ser o assassino, e explica que cometeu os crimes para testar as teses do irmão escritor.

"A partir desse ponto, a história entra na vida da família do escritor para explicar suas histórias macabras: o pai torturava o filho doente e ele escutava o barulho da tortura no irmão. Um dia, ele mata o pai e fica cuidando do irmão", conta Bruno, que fez uma grande pesquisa sobre a estética do bufão e do humor negro para encenar o espetáculo.

"Montamos a peça como comédia, mas pode ser analisada como drama. Nós nos encantamos tanto pela estética grotesca que a adotamos como base do espetáculo. A dramaturgia do McDonagh é frenética, o texto um pouco longo, tem quase duas horas, mas é tão surpreendente, há tantas reviravoltas, que a plateia fica envolvida o tempo todo. Nada acontece do que jeito que se espera".



In Extremis

O encontro de Oscar Wilde com Mrs. Robinson

Depois de *The Pillowman*, Bruno Guida quis continuar a pesquisa da estética do bufão e encontrou um texto do premiado autor inglês Neil Bertlett, que possibilitava continuar esse tipo de linguagem, mas em um tempo realista.

Bertlet conta a história de uma passagem da vida de Oscar Wilde em que ele visita Mrs. Robinson, cartomante famosa, antes de seu julgamento como homossexual. Foi ela quem o convenceu a enfrentar o júri, abandonando a fuga para Paris já preparada por seus amigos.

Antes de começar a peça, o elenco fez um curso com o hipnólogo Fábio Puentes para entender o caminho da ciência da hipnose. "Para saber quanto é verdade, quanto se é verdadeiramente hipnotizado, quanto se quer ser hipnotizado", segundo Bruno.

Jogo duplo

A história, na verdade, não é de Oscar Wilde e da cartomante. São dois atores que estão brincando de fazer a cartomante e Wilde, e esse jogo duplo acontece o tempo inteiro. O diretor conta que são quase duas peças em uma: às vezes, aparece a cartomante, mas não é ela, é a atriz interpretando a cartomante. "As coisas se confundem o tempo todo", diz ele.

Fica no ar uma atmosfera mística, que leva a plateia a um jogo de adivinhação e mistério.

FOTO: EMERSON CELTIC/DIVULGAÇÃO

Dany Stenzel e Wladimir Pinheiro em *Ataulfo Alves – O Bom Crioulo*, no Teatro Dulcina

FOTO: ERIC PAIVA/DIVULGAÇÃO

em cartaz

A CASA DOS BUDAS DITOSOS

Mulher de 68 anos relata suas experiências sexuais. Texto de João Ubaldo Ribeiro. Direção de Domingos Oliveira. Com Fernanda Torres.

ⓘ **Teatro Oi Casa Grande.** Avenida Afrânio de Melo Franco, 299. Tel.: 2511-0800. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 50 a R$120. 90 min.

A NOIVA DO CONDUTOR

Opereta com texto e música de Noel Rosa. Direção de Djalma Thurler. Com Isabella Bicalho, Marcelo Nogueira e Rodrigo Fagundes.

ⓘ **Centro Cultural dos Correios.** Rua Visconde de Itaboraí, 20. Tel.: 2253-1580. Quinta a domingo, 19h. R$ 20. 80 min.

A VIDA DE BILLIE HOLIDAY

A história trágica da grande diva do jazz. Direção de Ticiana Studart, texto de Jau Sant'Angelo e Ticiana Studart. Com Lilian Waleska, Vilma Mello e Milton Filho.

ⓘ **Teatro Carlos Gomes.** Rua Pedro I, 4. Tel.: 2224-3602. Quinta a sábado, 19h30. Domingo,18h. R$ 60. 105 min.

A VISITA DA VELHA SENHORA

Claire Zahanasian engravida de seu namorado aos 17anos e é expulsa de sua cidade. Torna-se prostituta, mas se casa com um arquimilionário que a deixa como única herdeira. Então ela volta à cidade natal em busca de justiça. De Friedrich Dürrenmatt. Tradução de Mario da Silva. Direção e Adaptação de Sílvia Monte. Com Maria Adélia, Marcos Ácher, Rogério Freitas e elenco.

ⓘ **Centro Cultural do Poder Judiciário,** antigo Palácio da Justiça – Sala Multiuso. Rua Dom Manuel, 29. Tel.: 3133-3366. Quinta, sexta e sábado, 19h. Entrada franca, senhas meia hora antes. 120 min., com intervalo.

AS MENINAS

Adaptação do romance de Lygia Fagundes Telles, com direção de Yara de Novaes e dramaturgia de Maria Adelaide Amaral. No elenco, Clarissa Rockenbach, Luciana Brites, Silvia Lourenço, Clarisse Abujamra, Sandra Pêra.

ⓘ **Teatro Poeira.** Rua São João Batista, 104. Tel.: 2537-8053. Terça e quarta, 21h. R$ 50. 80 min.

ANDANÇA

Musical conta a história de Beth Carvalho. Texto de Rômulo Rodrigues, direção de Ernesto Picollo e direção musical de Rildo Hora. No elenco, Stephanie Serrat, Eduarda Fadini, Jamilly Mariano, Wal Azzolini.

ⓘ **Teatro Maison de France.** Avenida Presidente Antonio Carlos,58. Tel.: 2544-2533. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 18h. Quinta e sexta, R$ 90. Sábado e domingo, R$ 100. 110 min.

ANTOLOGIA DO REMORSO

Criado a partir de contos literários que abordam a violência e a passionalidade das relações amorosas. Texto de Flávia Prosdocimi, direção de Daniel Belmonte. Com Elisabeth Monteiro, Gustavo Barros e Tido d'Avila.

ⓘ **Teatro Gonzaguinha.** Rua Benedito Hipólito, 125. Tel.: 2224-3038. Sexta e sábado, 20h. Domingo,19hs. R$ 20. 60 min.

ATAULFO ALVES - O BOM CRIOULO

Texto de Enéas Carlos Pereira e Edu Salemi. Dieção de Luiz Antonio Pilar. Com Wladimir Pinheiro, Alexandre Voler e Dany Stenzel.

ⓘ **Teatro Dulcina.** Rua Alcindo Guanabara, 17. Tel.: 2240-4879. Quarta a domingo, às 19h. R$ 20. 90 min.

BLACKBIRD

Homem de 56 anos e jovem de 27 se reencontram 15 anos depois de terem tido uma relação amorosa. Texto de David Harrower, direção de Bruce Gomlevsky. Com Viviani Rayes e Yashar.

ⓘ **Espaço Tom Jobim.** Rua Jardim Botânico, 1008. Tel.: 2274-7012. Sexta e sábado, 21hs. Domingo, 20hs. R$ 40. 90 min. Até 29 de setembro.

CHÃO DE ESTRELAS

Dois artistas de rua – uma bailarina e um palhaço – contam suas histórias através de músicas. Roteiro de Marcelo Albuquerque, direção de Rubens Lima Junior. Tony Luchesi assina a direção musical. Com Sabrina Korgut e Tiago Higa.

ⓘ **Teatro dos Quatro.** Rua Marquês de São Vicente, 52. Tel.: 2239-1095. Terça e quarta, 20h30. R$ 70. 70 min. Até 30 de setembro.

DE MALA E CUIA

Doze personagens cantam e contam histórias. Texto, direção e elenco de Luiz Sander (Mineirinho de Maceió).

ⓘ **Teatro Cândido Mendes.** Rua Joana Angélica, 63. Tel.: 2523-3663. Terças, 21h. R$ 50. 60 min.

EM UM LUGAR CHAMADO LUGAR NENHUM

Inspirada na literatura de cordel, a peça aborda assuntos que refletem a sociedade brasileira. Direção de Rogério Fanju, texto de Agatha Duarte. Com Rafael Canedo, Agatha Duarte e Guilherme Dellorto.

CCBB. Rua Primeiro de Março, 66. Tel.: 3808-2020. Quarta a segunda, 19h30. R$ 10. 80 min.

ESTAMOS INDO EMBORA

A ação do homem sobre o clima no planeta. Texto e direção de Luiz Felipe Reis. Com Julia Lund e Marcio Machado. De sexta a segunda, 19h.

Teatro Gláucio Gill. Praça Cardeal Arcoverde, s/n. Tel.: 2332-7904. R$ 30. 60 min.

ESTUPIDO CUPIDO

Personagem da novela da TV Globo dos anos 70, Tetê imagina uma continuação de sua vida e relembra momentos da juventude. Texto de Flavio Marinho, direção de Gilberto Gawronski. No elenco, Françoise Forton, Aloísio de Abreu, Clarisse Derzié Luz, Carlos Bonow.

Imperator. Rua Dias da Cruz, 170. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 19h30. R$ 40 (sexta), R$ 50 (sábado, plateia). 90 min.

GONZAGÃO, A LENDA

História de Luiz Gonzaga. Uma trupe teatral chamada "Barca dos Corações Partidos" conta a lenda do rei Luiz, remetendo-se ao século 20. Cerca de 40 músicas são tocadas por quatro instrumentistas e cantadas por 9 atores. Texto de Chico Buarque, direção de João Falcão. No elenco, Alfredo del Penho, Eduardo Rios, Ricca Barros.

Teatro João Caetano. Praça Tiradentes, s/nº. Tel.: 2332-9257. Quinta, 20h. Sábado, 17hs. Domingo, 16h. R$ 20 e R$ 40. 80 min. Até 27 de setembro.

GUERRILHEIRAS OU PARA A TERRA NÃO HÁ DESAPARECIDOS

História de 12 guerrilheiras mortas no Araguaia nos anos 70. Idealização de Gabriela Carneiro da Cunha. Texto de Grace Passô e direção de Georgette Fadel. No elenco, Caroline Virguez, Sara Antunes, Daniela Carmona.

Espaço SESC. Rua Domingos Ferreira, 160. Tel.: 2547-0156. Quinta a sábado, 20h30. Domingo, 19h. R$ 20. 90 min.

IN EXTREMIS

O roteiro gira em torno de uma passagem da vida do escritor Oscar Wilde. Texto de Neil Bartlett. Direção de Bruno Guida. Com Daniel Infantini e Flávio Tolezani.

Teatro Poeirinha. Rua São João Batista, 104. Tel.: 2537-8053. Terças e quartas, 21h. R$ 40. 60 min.

INTERIOR

Duas velhinhas irreverentes se recusam a morrer. Com o Grupo Bagaceira, coletivo de Fortaleza. Texto de Rafael Martins, direção de Yuri Yamamoto. Com Samya de Lavor e Tatiana Amorim.

CCBB. Rua Primeiro de Março, 66. Tel.: 3808-2020. Quartas e quintas, 19h30. Sextas, sábados e domingos, 17h30 e 19h30. R$ 10. 80 min.

INTOCÁVEIS

Narra a história de Philippe, aristocrata que após sofrer grave acidente e fica tetraplégico. Precisando de assistente, ele decide contratar Driss, homem problemático que não tem a menor experiência em cuidar de pessoas no seu estado. Texto de Olivier Nakache e Eric Toledano, direção de Iacov Hillel. No elenco, Aílton Graça, Marcello Airoldi.

Theatro Net Rio. Rua Siqueira Campos, 143. Tel.: 2147-8060. Sextas e sábados, 21h. Domingos, 19h. R$ 50 a R$ 100 (sex. e dom.) e R$ 60 a R$ 120 (sáb). 110 min.

IRMÃOS DE SANGUE

Apenas com coreografia gestual, o espetáculo discute os laços fraternos e os conflitos que marcam a convivência familiar. Com a Companhia Dos à Deux. Direção de André Curti e Artur Luanda Ribeiro. Com Raquel Iantas, Daniel Leuback.

Teatro Gláucio Gill. Rua Barata Ribeiro, 204. Tel.: 2332-7904. Quarta a domingo, 21h. R$ 30. 90 min.

ÓPERA DO MALANDRO

Canções do espetáculo original e também do álbum *Malandro*, de Chico Buarque, e do filme homônimo. Direção de João Falcão. No elenco, Moyses Marques, Adrén Alves, Bruce de Araújo.

Teatro João Caetano. Praça Tiradentes s/nº. Tel.: 2332-9166. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 19h. De R$ 20 a R$ 60. 160 min.

O PENA CARIOCA

Em cena, três peças de Martins Pena. Direção de Daniel Herz. Com a Cia. Atores de Laura (Ana Paula Secco, Anderson Mello, Leandro Castilho, Luiz Andre Alvim, entre outros).

Teatro Poeira. Rua São João Batista,104. Tel.: 2537-8053. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 70. 100 min.

PERSONALIDADES

Mix de *stand up comedy* com imitações. Direção de Alexandre Régis. Com Filipe Pontes.

Teatro Clara Nunes. Rua Marquês de São Vicente, 52. Tel.: 2274-9696. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 60 (sex.), R$ 70 (sáb. e dom.). 70 min.

POR AMOR AO MUNDO – UM ENCONTRO COM HANNA ARENDT

Documentário poético que marca os 40 anos da morte da pensadora que discutiu o totalitarismo e a banalidade do mal. Texto de Marcia Zanelatto, direção de Isaac Bernat. Com Kelzy Ecard, Carolina Ferman e Michel Robim.

CCBB. Rua Primeiro de Março, 66. Tel.: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R$ 10.

PORTÁTIL

Cada espetáculo parte de uma entrevista com a plateia, dando origem a uma peça inteiramente improvisada Direção de Barbara Duvivier. Com Gregório Duvivier, João Vicente de Castro, LuisLobianco e Gustavo Miranda.

Teatro Leblon. Rua Conde de Bernadotte, 26.Tel.: 2529-7700. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 80 (qui. e sex.). R$ 90 (sáb. e dom.).

MARÇO ROSENCRANTZ E GUILDENSTERN ESTÃO MORTOS

Em cena, dois personagens coadjuvantes da tragédia de Hamlet, de Shakespeare, enviados pelo tio de Hamlet para tentar conter a ira do seu sobrinho e desvendar a origem de sua loucura. Texto de Tom Stoppard, direção de Breno Sanches.

CCBB. Rua Primeiro de Março, 66. Tel.: 3808-2020. Quinta a domingo, 20h. Entrada franca. 80 min.

SANTA

Uma mulher numa casa vazia e suas lembranças. Texto de Diego Liberano, direção de Guilherme Leme Garcia. Com Ângela Vieira e Antonio Negreiros.

Teatro Tom Jobim. Rua Jardim Botânico, 1008. Tel.: 2274-7012. Sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 40. Até 4 de outubro.

SELFIE

A peça discute os valores sociais e morais contidos nos meios de comunicação, as relações distorcidas entre as pessoas e o que elas buscam ao expor sua imagem. Com Mateus Solano e Miguel Thiré, direção de Marcos Caruso.

Teatro do Leblon. Rua Conde de Bernadotte, 26. Tel.: 2529-7700. Sexta e sábado, 21h.Domingo, 20h. R$ 80 (sex.) e R$ 90 (sáb.e dom.). 70 min.

SERÁ QUE A GENTE INFLUENCIA O CAETANO?

Dois amigos sonham em compor uma música que influencie Caetano Veloso. Texto de Mario Bortolloto, direção de Marcello Gonçalves. Com Andrey Lopes e Fabio Guará.

Espaço Tom Jobim. Rua Jardim Botânico, 1008. Tel.: 2274-7012. Quarta e quinta, 21h. R$ 40. 70 min.

THE PILLOWMAN

O homem do travesseiro. Texto de Martin McDonagh. Direção de Bruno Guida e Dagoberto Feliz. Com Bruno Autran, Daniel Infantini, Flavio Tolezani e Wandre Gouveia.

Teatro Poeirinha. Rua São João batista, 104. Tel.: 2537-8053. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 40. 140 min.

UM MILHÃO DE ANOS EM UMA HORA

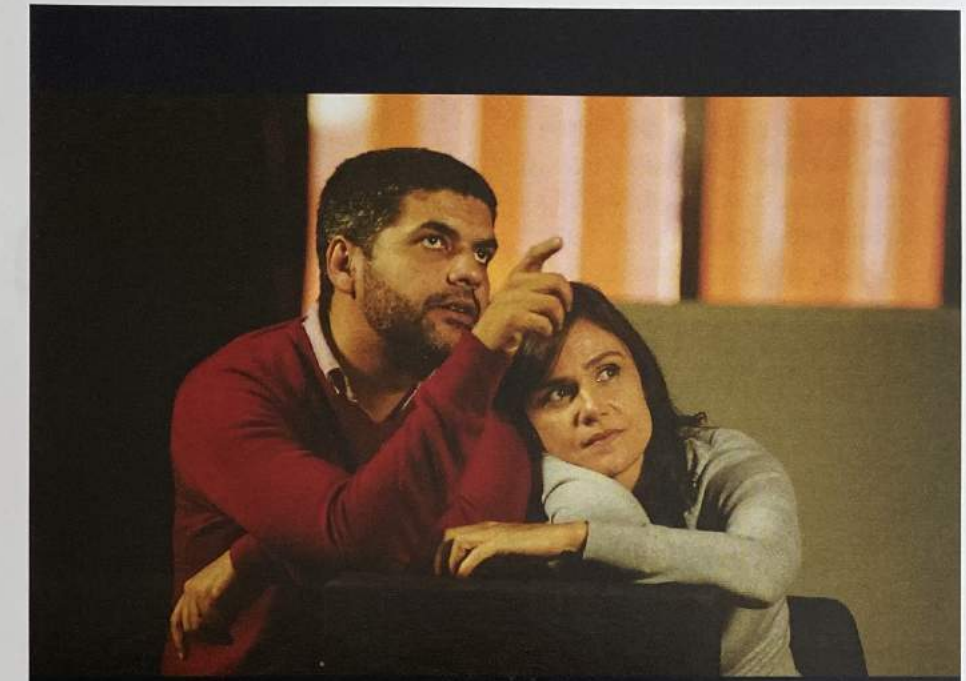
Um passeio pela história em 15 quadros, desde o homem da caverna. Texto de Colin Quin, direção de Claudio Torres Gonzaga e adaptação de Marcelo Adnet.

Teatro Leblon. Rua Conde de Bernadotte, 26. Tel.: 2529-7700. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 50 (qui.), R$60 (sex.), R$ 70 (sáb. e dom.). 60 min.

VANYA E SONIA E MASHA E SPIKE

Uma artista de cinema famosa volta para visitar sua família numa cidade do interior. Texto de Christopher Durang, direção de Jorge Taklas. No elenco, Marília Gabriela e Elias Andreato.

Teatro dos Quatro. Rua Marquês de São Vicente, 52. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 70 (qui. e sex.); R$ 80 (sáb. e dom.). 120 min.



Lucas Gouvêa e Luisa Friese em *Vulgar*, no Espaço SESC Copacabana

VULGAR

A chuva é presença constante no encontro entre um homem e uma mulher, sozinhos em uma sala vazia. Desconhecidos? Amigos? Um acerto de contas? Tudo pode acontecer. De Diego de Angeli. Miwa Yanagizawa assina a direção. Com Lucas Gouvêa e Luisa Friese.

Espaço SESC Copacabana, Sala Multiuso. Rua Domingos Ferreira, 160. Tel.: 2547-0156. Quinta, sexta e sábado, 19h. Domingo, 18h. R$ 20 (inteira), R$ 10 (estudantes e idosos) e R$ 5 (associados do SESC). Até 27 de setembro. 90 min.

WAR

Três casais amigos se reúnem para jogar War, discutindo também suas vidas e seus problemas profissionais e amorosos. Texto de Renata Mizrahi, direção de Diego Molina. No elenco, Camili Pellegrini, Clara Santhana, Fabricio Polido.

SESI Centro. Avenida Graça Aranha, 1. Tel.: 2563-4163. Quinta a sábado, 19h30. R$30. 70 min.

em cartaz
peças, horários, teatros e preços

Portátil

"O espetáculo do grupo Porta dos Fundos é uma experiência impactante. Possui uma estrutura bem montada e uma história de vida encenada através do improviso, com inteligência, humor, emoção e, principalmente, simplicidade. Tudo isso com quatro atores e um músico geniais. A direção impecável é de Barbara Duvivier."

Maria Clara Gueiros, atriz

As Meninas

"Belíssima montagem baseada no romance de Lygia Fagundes Telles. O livro já era lindo, mas a adaptação no palco por Maria Adelaide Amaral deixou-o mais marcante. A direção de Yara de Novaes é excelente, assim como o elenco. Uma peça para se assistir muitas vezes."

Cacá Carvalho, ator

Santa

"O espetáculo é especialmente bonito. Antonio Negreiros e Angela Vieira dançam lindamente em meio a uma cenografia ousada e criativa. A peça dura uma hora, tempo que passa prazerosamente."

Helena Celestino, jornalista

Irmãos de Sangue

"Mais um lindo e surpreendente trabalho da Companhia Dos à Deux. Lírico, poético e emocionante. Um espetáculo para ficar guardado para sempre na memória de quem assiste!"

Carolina Pismel, atriz

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Rancho português

Que tal uma comida portuguesa, com certeza? Vale uma ida ao Rancho Português, que ao invés de ter vista para o Tejo, tem para nossa Lagoa Rodrigo de Freitas. Nada mal... É uma casa portuguesa com fados ao fundo, como música ambiente deve ser, e vídeos da "terrinha". O do Douro é especialmente belo.

A comida é de boa qualidade, com uma doçaria portuguesa de encher os olhos e lamber os beiços. Vinhos, só portugueses! A lógica lusitana predominando.

Peça o bacalhau à Narciso, excelente posta com muito azeite, alho, cebolas e batatas "ao murro", o garçom explica o porquê do nome. O prato serve muito bem 2 pessoas. Quanto aos vinhos, os preços são decentes. E depois dos doces, que são muitos e gostosíssimos, tome com o café coado e não expresso uma bem gelada "amarguinha"! A vida vai lhe parecer bem mais alegre!

Endereço: Rua Maria Quitéria, nº 136, Ipanema. Tel.: 2287-0335

A noiva do condutor

Opereta de Noel Rosa conta as aventuras de um milionário disfarçado

Foi com humor, fina ironia e uma pinta de malícia, caraterísticas de toda a sua obra, que Noel Rosa escreveu há 80 anos, com o maestro húngaro Arnold Gluckmann, a opereta *A Noiva do Condutor*. Cinquenta anos depois, Marília Pêra e Grande Otelo gravaram um disco com as canções do musical.

Para comemorar as duas datas, o diretor geral Djalma Thurler leva ao Centro Cultural dos Correios uma nova montagem do texto de Noel. A história gira em torno de Joaquim (Marcelo Nogueira), um condutor de bondes que se faz passar por advogado para conquistar o coração de Helena.

Tudo ia muito bem até que um dia Helena (Izabella Bicalho) e seu pai (Rodrigo Fagundes) entram num bonde e descobrem que o noivo não era advogado e, sim, o condutor do veículo. Joaquim cai em desgraça com a família. "O amor sem nota não tem mais valia", diz o pai de Helena. Joaquim, desesperado de amor, depois de ir ao programa da rádio Ribanceira "Procura casais apaixonados" e cantar *Perdoa esse pecador*, música composta por ele para agradar à ex-noiva, volta à sua real identidade: filho de banqueiro (Roberto Bahal). Na verdade, ele se tornara condutor apenas para afrontar o pai milionário.

Noel em cena

Ator, diretor de produção e idealizador da peça, Marcelo Nogueira diz que nesta montagem, despretensiosa do seu ponto de vista, Noel está presente não como personagem, mas como pensamento, discurso, música e poesia. "Temos a sua áurea, as suas ideias e a sua música", explica.

Outra característica da obra de Noel, o mais carioca de todos os compositores brasileiros da época, também marca presença na peça: o Rio de Janeiro é retratado de maneira simpática e realista, passando do centro rico da cidade ao subúrbio, e juntando no mesmo bonde, que anda pelas ruas de Cascadura, a elite e as famílias suburbanas. Em termos musicais, a opereta transita entre o samba de asfalto e o samba do morro, além de contar com belas toadas, valsas, rumbas e marchas.

Por acreditar no artista criador, o ator e diretor diz que prefere as produções inéditas e brasileiras feitas com criatividade, já que, para ele, o artista tem de falar da sua própria cultura. "Além de trazer excelentes canções de Noel, a peça busca uma discussão sobre o teatro musical contemporâneo, que tem oscilado entre as importações colonizadas, os que aproveitam a estética colonizada, mas impõem temática brasileira, e mais tardiamente os que têm devorado o Norte e criado uma obra tropicalista, opondo-se ao *mainstream*, diz Marcelo Nogueira".

O Rio das óperas

Em seus apenas 26 anos de vida, entre 1910 e 1937, Noel Rosa compôs quase 300 músicas e fez parceria com mais de 60 compositores. A opereta A Noiva do Condutor foi composta para a rádio Club do Brasil, dentro da proposta, criada por Almirante – um dos muitos parceiros do compositor –, de levar para lá algumas das grandes óperas mundiais. Foi para o programa "Como se as óperas célebres do mundo houvessem nascido aqui, no Rio..." que Noel criou, além de *A Noiva do Condutor*, as paródias *O Ladrão de Galinhas* e *O Barbeiro de Niterói*.

FOTO: VICTOR HUGO CECATTO/DIVULGAÇÃO

Teatro infantil

Três peças para a galerinha se divertir. E você também!

Forró Miudinho

O terceiro musical da trilogia infantil sobre Música Popular Brasileira tem texto de Ana Velloso e direção de Sergio Modena.

Júnior (Édio Nunes) é o protagonista da história – o mesmo de *Sambinha* e *Bossa Novinha* –, narrando a viagem do menino do subúrbio carioca à cidade de Juazeirinho, na Paraíba, terra de sua tia Jurema (Patrícia Costa), para visitar a avó (Vera Novello). Se no caminho ele vai conhecendo as diferenças e as riquezas do Nordeste, na bagagem traz muitas novidades e ensinamentos. Músicas de Dominguinhos, Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Gilberto Gil, Sivuca, Glorinha Gadelha e Alceu Valença, entre outros, dão o ritmo do espetáculo. A construção do roteiro está diretamente ligada às letras e aos personagens das músicas encenadas.

Teatro Oi Futuro Ipanema. Rua Visconde Pirajá, 54. Tel.: (21) 3131-9333. Sábado e domingo, 16h. R$ 15 (inteira) e R$ 7,50 (meia). Até 13 de dezembro.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Quero ser Ziraldo

Uma aventura pelas obras do autor. O argumento é de Fernando Hilbert, que conta que tudo começou quando era diretor de cultura em Castro, cidade do interior do Paraná, e montou um espetáculo para a inauguração de uma creche que tinha o nome de Turma do Pererê, em que o protagonista encontrava os personagens do autor mineiro. "Esse projeto ficou parado durante anos. Há pouco tempo, dei o argumento para o Luiz Estellita Lins, que escreveu a história atual", diz ele. As músicas são de Mart'nália e de sua irmã Maíra Freitas. No elenco, Júlia Oristânio, João Velho, Mayara Travassos, Raoni Costa, Juliana Moulin e Eliane Costa.

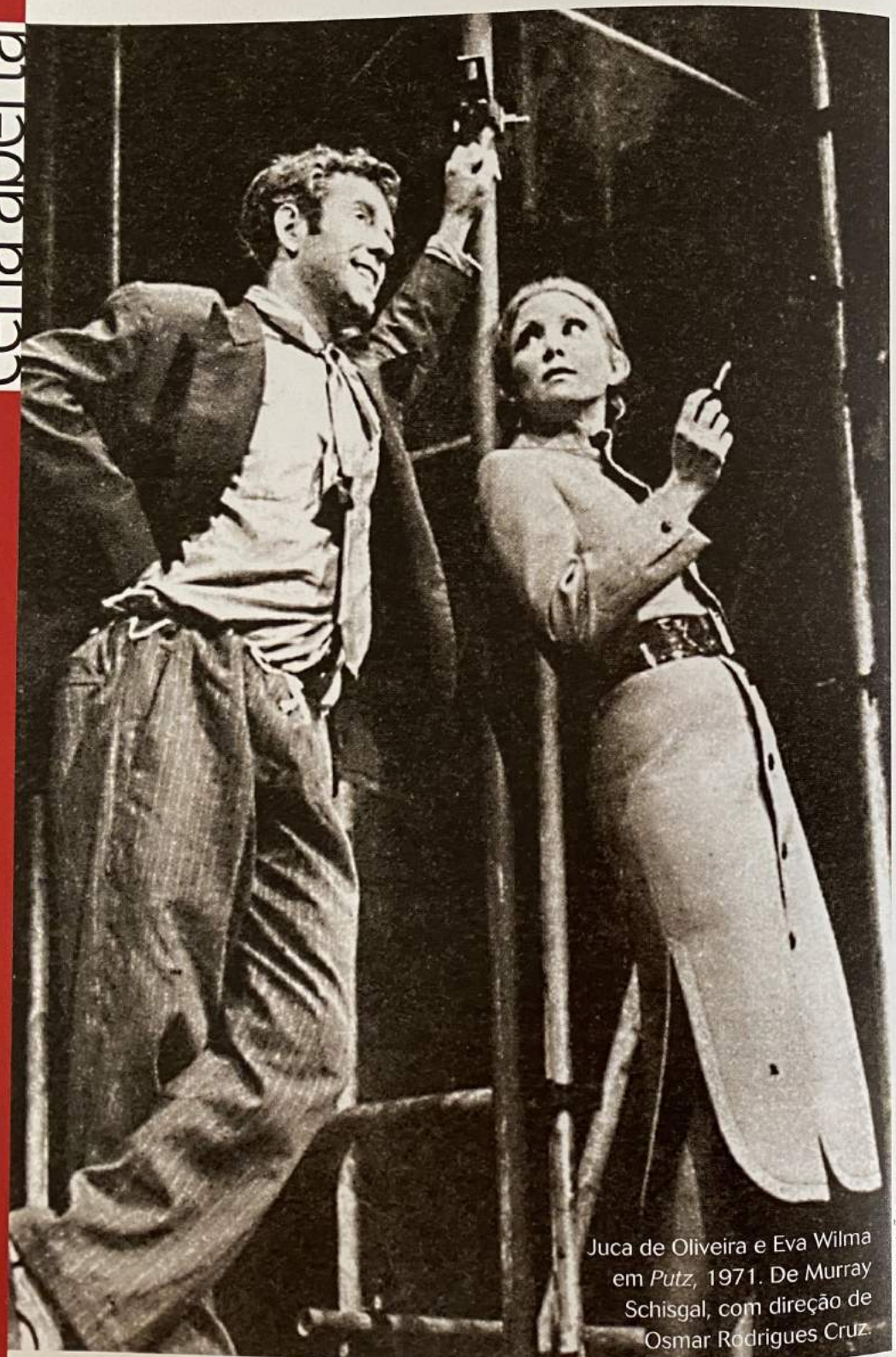
Teatro Fashion Mall. Estrada da Gávea, 899. Tel.: 2422-9800. Sábado e domingo, 17h30. R$ 60 (inteira) e R$ 30 (meia). Até 29 de novembro.

Teatro Vanucci, Shopping da Gávea. Rua Marquês de São Vicente, 52. Tel.: 2294-1096. Sábado e domingo, 17h10. R$ 60 (inteira) e R$ 30 (meia). Até 27 de dezembro.

Peter Pan – O Musical

E a história se renova... Peter Pan (Rafael Oliveira) é um menino que não quer crescer. Wendy (Carol Leipelt), a menina que sonha em viver todas as aventuras que conhece nos livros, se surpreende quando o herói vai até sua casa e a convida a embarcar, junto com seus irmãos, em uma aventura cheia de crocodilos, fadas e piratas.

Com a ajuda do pó mágico da fada Sininho (Débora Mesquita), eles vão para a Terra do Nunca, encontrando lá o maior inimigo de Peter Pan, o Capitão Gancho (Alison Weler). O resultado? Muito humor, magia, aventura e músicas originais, compostas para o espetáculo por Cosme Motta.



Juca de Oliveira e Eva Wilma em *Putz*, 1971. De Murray Schisgal, com direção de Osmar Rodrigues Cruz.

FOTO: REPRODUÇÃO

FORMAÇÕES GRATUITAS
PARA JOVENS ENTRE 17 E 29 ANOS

SETOR DA INDÚSTRIA PETRÓLEO E GÁS
Curso de serralheria, solda e alpinismo industrial

SETOR DE SERVIÇOS DE SEGURANÇA
Curso de instalador de sistema eletrônico de segurança

SETOR DE LOGÍSTICA
Curso de auxiliar operacional, conferente, assistente de qualidade e operador de empilhadeira

SETOR ARTÍSTICO
Curso de teatro, circo, dança, música e artes plásticas

Garanta sua vaga no mercado de trabalho!

Aulas de 2ª a 5ª (manhã, tarde e noite)
Auxílio transporte e Alimentação

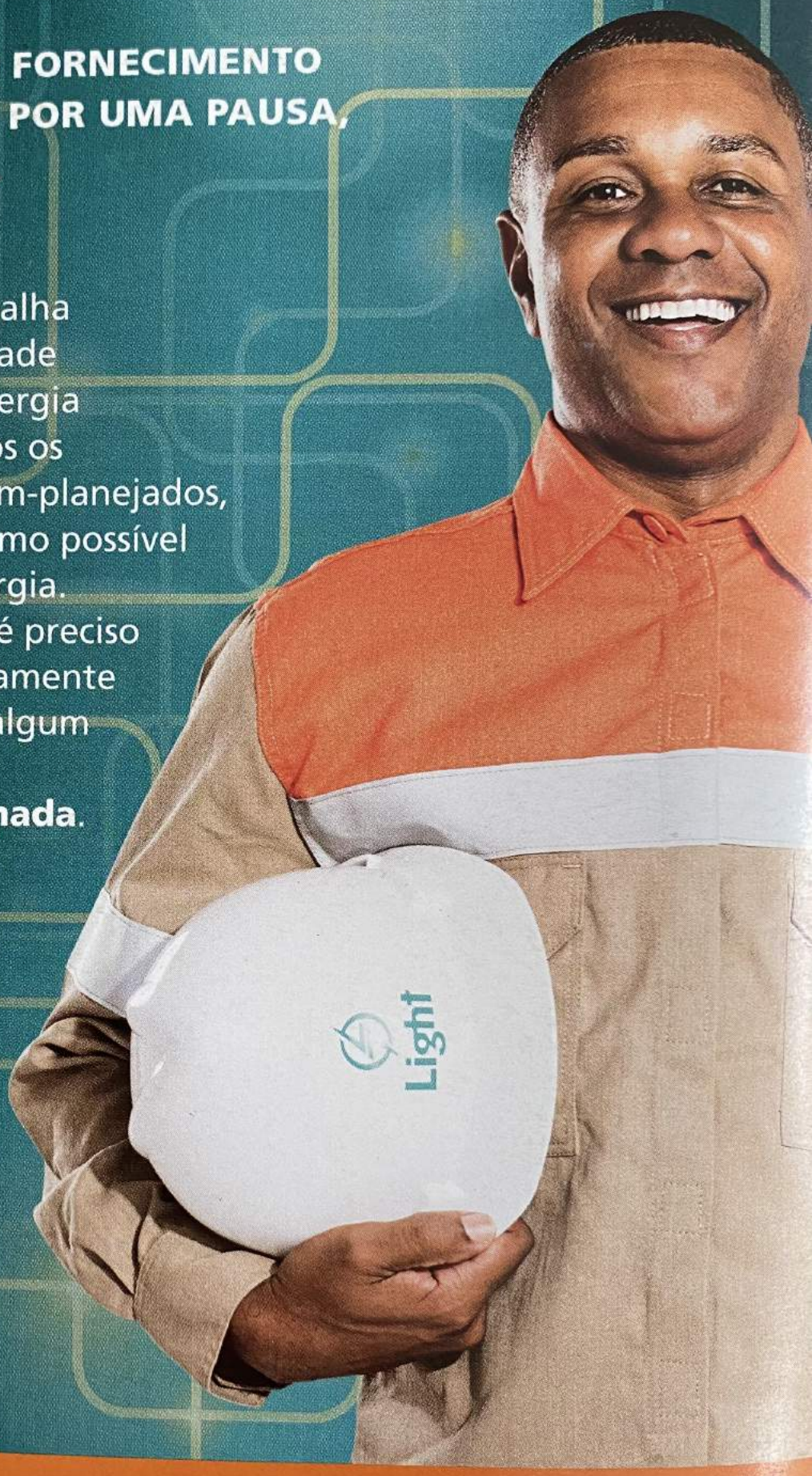
GALPÃO APLAUSO

GALPÃO APLAUSO
Rua General Luis Mendes de Moraes, 50
Santo Cristo (Próx. a Rodoviária Novo Rio)
Mais Informações: 2233-6648

MANUTENÇÃO PROGRAMADA

MESMO QUANDO O FORNECIMENTO DE ENERGIA PASSA POR UMA PAUSA, A LIGHT NÃO PARA.

Dia e noite a Light trabalha para melhorar a qualidade do fornecimento de energia para seus clientes. Todos os processos são muito bem-planejados, buscando afetar o mínimo possível o fornecimento de energia. Mesmo assim, às vezes é preciso interromper temporariamente esse fornecimento em algum local. Isso se chama **Manutenção Programada**.



Light
110 ANOS
CONECTADA A VOCÊ

Light informa. Cadastre-se em **www.light.com.br/lightinforma** e fique sabendo quando vai acontecer uma Manutenção Programada na sua região. Assim você também se programa e evita surpresas.